

# Um passeio pela cidade de São Paulo<sup>1</sup>

André Bueno (UFRJ, CNPq)

*Abraçado ao meu rancor* (1), do escritor paulista João Antônio, é um conto longo, mais de cinquenta páginas, conduzido em primeira pessoa por um narrador, jornalista, que volta a São Paulo, sua cidade natal, para cobrir um evento comercial. A mercadoria que está à venda, sabe-se logo, é a própria cidade de São Paulo, alardeada em tons triunfais e eufóricos, sem sinal de crítica. A matéria narrada desde logo indica o mal-estar, o extremo desconforto do narrador na convenção que veio cobrir. Sente-se num *festival de piolhos e de pulhas*, falso por inteiro. E não deixa passar: “*um cinismo grosso, um farisaísmo, o papel acetinado, vistoso, encorpado, brilhante, colorido em quatro vezes quatro mostra uma cidade que não existe*” (2) Que não existe, mas é vendida como um falso brilhante, dando uma boa medida do país e da época, pautada pelo otimismo cego do progresso e da modernização à brasileira. E o narrador, de saída, não se engana: “*Depois, vamos e venhamos. Não é esta ou aquela cidade brasileira a mais ou menos provinciana. O país é. Como um todo: um arremedo. Provinciano da cabeça aos pés. Sei*” (3)

Fazer o quê? O narrador toca a andar, só para descobrir que a cidade deu em outra e o confronto, que atravessa todo o conto, é entre uma cidade da memória- à margem, boêmia- e a cidade do presente- seca e dura, diretamente definida pelo avanço do capitalismo. Posto nessa posição difícil, o narrador a tudo percebe de fora, como um estrangeiro, como alguém que não se reconhece mais, em nenhuma medida, na vida cotidiana da metrópole modernizada. E narra porque tem a consciência culpada, dividida e pesada. O que se pode entender como uma mudança em sua posição de classe, vivida não como ascensão social, mas como crise constante, para a qual não parece haver solução. É filho de trabalhadores pobres, nasceu e cresceu na periferia pobre de São Paulo, quando jovem conheceu o mundo à margem e boêmio, já no centro da cidade. Depois, mudou para o Rio de Janeiro, onde se tornou jornalista e escritor conhecido. Se fosse um conformista a mais, tudo bem. A trajetória da periferia para o centro, de São Paulo para o Rio, da pobreza

---

<sup>1</sup>João Antonio. *Abraçado ao meu rancor*. SP, Cosac&Naif, 2001

2. Idem, p. 78

3. Ibidem, p. 78

para a classe média do Brasil modernizado, seria um ganho. Mas não é. Bem ao contrário, é uma crise constante, um mal-estar profundo, um sentimento permanente da falsidade que o cerca, e da qual, bem ou mal, participa.

Saturado da convenção comercial que foi cobrir, o narrador começa seu longo passeio pela cidade de São Paulo. Terá como fio condutor a figura do sambista sarará Germano Matias: *“Por onde andaré Germano Matias? Magro, irrequieto, sarará, sua ginga da Praça da Sé, jogo de cintura da crioulada da Rua Direita? E o que foi que fez, maluco, azoado, de seu samba levado na lata de graxa?”* (4) No longo e difícil passeio pela cidade de São Paulo, o narrador por certo não encontrará mais o sambista sarará e sua lata de graxa. Assim como também não encontrará, no centro da cidade, os bares, as sinucas, os pontos de encontro, o pessoal da vida boêmia, meio que à margem do ritmo<sup>2</sup> geral da vida disciplinada e regrada pelo trabalho regular, pela família, pela reprodução mais direta e ordenada da vida. A lógica do capitalismo modernizado agora é outra, e essa margem malandra, caso se possa assim dizer, desapareceu. Ou mudou de lugar na geografia urbana, talvez situada em lugares que o narrador, nostálgico e melancólico, não conhece e não frequenta.

No confronto entre a cidade do presente, pesada e real, e a cidade da memória, esvaziada e distante, a matéria viva do cotidiano no presente é percebida como total estranheza, como opacidade impenetrável, que o narrador percebe sempre como algo exterior e hostil, como quem estivesse, de fato, fora de jogo. Com isso, o mundo que fora a matéria da literatura de João Antônio e o ponto de apoio para sua linguagem também sai de cena. Saem de cena os tipos malandros e a linguagem que corria sempre o risco do pitoresco, e a matéria mais pesada do presente pede um outro estilo, uma outra configuração, mais difícil e dolorosa. Caso se queira idealizar por inteiro a margem malandra e boêmia que desapareceu do cotidiano da cidade, teríamos uma perda irreparável. Caso não se idealize essa mesma margem, o problema de João Antônio seria então estar à altura das agruras e resistências do presente, áspero e intratável. Ao contrário de parte considerável da literatura brasileira contemporânea, João Antônio não toma o caminho da representação bruta, feroz e direta, da violência urbana como resultado social da modernização do capitalismo no Brasil. Mas a violência está presente, até de modo mais

---

4 Ibidem, p. 82

profundo, ao longo de todo o conto *Abraçado ao meu rancor*. O que pede algumas explicações mais cuidadosas.

O que o narrador inconformado de João Antônio expõe ao longo de *Abraçado ao meu rancor* são as misérias e mazelas da São Paulo, do país modernizado, estranho e hostil, agressivo e seco, árido e estéril, uma espécie de terra devastada, de exílio na cidade, sem pontos de apoio exceto os da memória dos lugares, das pessoas, das situações que se perderam, já que a cidade deu mesmo em outra. É o relato, longo e difícil, de uma profunda derrota. Já que o narrador é sempre implacável, desde logo, consigo mesmo, com a sua posição de jornalista e escritor, de classe média, integrada e conformada, fazendo o jogo, manipulando, numa representação insuportável. Um exato avesso do sucesso, dos mitos da modernização, das carreiras tranquilas, das ascensões sociais pacíficas e sem crise.

Expondo-se como se expõe, com dureza e determinação, o narrador no entanto não perde de vista as ruas da cidade, o cotidiano do presente, os personagens pobres soltos pela cidade, absorvidos pelas beiradas, trazidos para o centro da própria exploração, se virando para sobreviver como podem. Os que se viram no centro de São Paulo, os que vivem na periferia, os nordestinos que migram, e chegam para enfrentar o frio e a dureza da ponta de lança do país modernizado. Os barracos, o frio, as moscas, o cansaço, a miséria estampada na cara e no corpo. E o narrador, um tanto nostálgico, mais ou menos sentimental, sempre melancólico, se identifica com esses pobres urbanos, apenas medindo a distância, muito culpada, que agora os separa. Embora ele, narrador, saiba que veio desse povo, dessa periferia, que passou pelas virações do centro de São Paulo.

E se permite citar a si mesmo, lembrando o conto Paulinho Perna Torta, a longuíssima partida de sinuca, pra enganar os tolos, que terminou estranhamente sem vencedor. Por extensão, o contraponto ao presente áspero e intratável é sempre essa margem, boêmia e malandra, agora tratada sem linguagem pitoresca, mas deixando no leitor sempre a impressão de idealização: os botecos, as sinucas, as madrugadas, os jogadores, a gente da noite, as mulheres da vida e os homens que as exploram. Quase que reivindicando, contra o presente do capitalismo, uma ética de malandro do passado recente. Sirva como exemplo essa curiosa maneira de escapar da disciplina do capitalismo e da ética do capitalismo através do recurso de explorar prostitutas e viver do dinheiro que ganham

pelas ruas. Curiosa maneira de explorar o trabalho alheio, e fazer disso um ideal, um contraponto ideal à lógica da exploração capitalista.

Daí ao intencional clima de tango que atravessa todo o conto é meio passo. Que dá o título do conto: “*Estou me lembrando de uma letra de tangaço. Carregada. E em que o osso, o buraco e o nervo da coisa ficam mais embaixo. Diz, corta, rasga, que me quero morrer abraço ao meu rancor*”. (5) Dito assim, meio de passagem, com pouco cuidado, pode parecer que *Abraçado ao meu rancor* é má literatura. Mas não é, como tampouco é apenas apresentação bruta, sem mediação, sem elaboração formal, dos dados brutos da realidade mais imediata e perceptível. Foi-se o que poderia haver de pitoresco na linguagem dos primeiros livros de João Antônio, mas esse lirismo da melancolia, do mal-estar de classe, da perda e da derrota, resulta também em um lirismo muito forte e cadenciado, conduzido pela mão firme de um bom escritor brasileiro de sua época. Nem se trata de uma *visão desajeitada do processo social*, (6) como escreveu João Luiz Lafetá, na época do lançamento do livro, mas de uma percepção bem aguda desse mesmo processo social de modernização, expondo umas arestas difíceis de encarar.

Dois refrões, duas cadências conduzem o relato. O primeiro, *por onde andará Germano Matias?*. O segundo, dito ao léu pelo maluco solto no centro de São Paulo, dizendo pra ninguém ouvir, no meio do anonimato de massa, *Você conhece o pedreiro Valdemar?* Assim mesmo, costurando as pontas vazias do presente, o sambista negro sarará da rua Direita, sabe-se lá por onde anda, e<sup>3</sup> o Pedreiro Valdemar, quem há de querer saber, na cidade como mercadoria, na cidade como mercadoria à venda, falsa com todos os ares cosmopolitas, mal disfarçando o passado caipira, recente e ainda presente. O passado caipira e recente, que não pode mais caber na ponta de lança da modernização, como se fosse coisa de arrivista, de novo rico escondendo das visitas o passado da família, o passado da cidade, os traços da história que se quer esquecer. O narrador sabe bem: “*Há no país uma classe de homens sem remédio, os de memória. Tachados de saudosistas, chinfrins e velhos precoces, acabam falando sozinhos.*” (7)

---

5. Ibidem, p.86

6. João Luiz Lafetá. *João Antônio e sua estética do rancor*. In **Dimensão da noite**, SP, Coleção Espírito Crítico, Duas Cidades/ Editora 34, org. Antônio Arnoni Prado, p. 515, 2003

7. João Antônio. **Abraçado ao meu rancor**. SP, Cosac&Naif, p. 86, 2002.

8. Idem, p. 114

São personagens comuns, gente do povo comum e trabalhador, que ajudam a montar a estrutura do conto. Volta e meia, uma pessoa da família do narrador: o pai, a mãe, o tio, a avó, sempre lembrados com cuidado e carinho. E, também, sempre com uma culpa entranhada e sem saída. Gente simples e rústica, pobres, falando direto, fazendo o contraponto ao falso brilhante da cidade da mercadoria. É assim que a gente comum, da família ou da rua, vai entrando no relato. Seria, outra vez, o nefando e inefável “populismo”, o pau para toda obra da crítica de esquerda mais esclarecida? Penso que não. A posição do narrador mistura melancolia, derrota, nostalgia, culpa, ressentimentos, simpatia com os vencidos, os postos à margem. Pode parecer que o narrador, próximo demais da matéria narrada, perde a necessária distância para a elaboração estética, para a construção da forma mediada, mais cifrada e difícil. Não me parece que seja assim. O conto é bom nos seus próprios termos, na sua maneira direta e difícil de fazer o longo, difícil passeio em que o narrador revisita sua cidade de São Paulo. Sua cidade natal, e querida, que já não existe, que deu em outra.

Quem sabe? : *“Torço as mãos e ando. Houvesse tempo, esperaria o aparecimento das luzes elétricas, os globos de três a três, gringos, na cabeça dos postes. Assim, de um lance, dançando, jogando mais escuros que claros,<sup>4</sup> escondendo as deformações dos edifícios e o sumiço de alguns estabelecimentos, talvez a luz elétrica fizesse surgir de novo a outra cidade.”* (8) A outra, da juventude, aquela que o pai ensinou a ver. Aquela, do Teatro Municipal para ver Heitor dos Prazeres. Aquela outra, do intelectual modernista Sérgio Milliet junto com o pessoal boêmio, lembrado com respeito e simpatia. E aquela, desaparecida, a de Germano Matias, o sarará sambista assim evocado: *“ Já Germano Matias repinicava na lata de graxa escarrapachadamente, samba subido ou descido da Barra Funda, do Largo da Banana, da Alameda Olga, com escala posterior pelos Parques Peruches. A lata de graxa dá um som mais fraquinho, estridente, que não é o da frigideira. Som oquinho, moleque, serelepa algo debochado, catimbado. Isso, catimba. A frigideira vai longe, a lata de graxa manda pra perto do ouvido. E da gente. Mas tem que o sarará desenvolvia um repinicado gingado, aticado. Viu uma faca correr no prato, no samba? Pois é. Bonito. Assim o sarará batia a lata de graxa.”* (9)

---

8. Ibidem, p.115

9. Ibidem, p. 123

Poderia ocorrer, nessa altura da análise, que se visse no trecho acima apenas mais uma descrição típica, de uma figura popular paulistana, pouco contribuindo para a própria narrativa de *Abraçado ao meu rancor*. Mas também se pode pensar que esses contrapontos- Germanos Matias, o anônimo Pedreiro Valdemar, a família do narrador, os pobres se virando pra sobreviver em São Paulo- servem muito bem à estrutura narrativa, marcando o contraste com a forma seca e impessoal, falsa e mercantil, da cidade modernizada. Que é, nunca é demais lembrar, uma forma violenta. Não de uma violência que se apresente sempre na forma de tiroteios, massacres e chacinas, que sempre os há. Mas na forma mais constante, sistêmica mesmo, da violência que é inseparável da própria produção e reprodução do capitalismo. O lirismo melancólico e nostálgico atravessa o labirinto da cidade onde o narrador não mais se reconhece tendo como linhas de força justo esses pontos e contrapontos, essas figuras contrastadas, os choques e crises que daí resultam. Ao que parece, não como uma conciliação resignada, chorosa e populista, com a dureza da realidade.

Lá pelas tantas, cansado de passear pela cidade do presente e sempre buscando a cidade da memória, o narrador atravessa a avenida São João e vai na direção da Duque de Caxias, para chegar à Estação Júlio Prestes: “*Porque foi, porque não foi, no meio de um dos goles de chope, resolvo ir pra casa.*” Não sua casa no Rio de Janeiro, em Copacabana, mas a de Presidente Altino, morro da Geada, periferia de São Paulo. Talvez aqui se leia, em<sup>5</sup> *Abraçado ao meu rancor*, uma virada decisiva, marcando a passagem do centro da cidade para a periferia, como se fosse para o narrador fazer o caminho de volta. O caminho é entrar na fila dos trens para o subúrbio, e o tom do relato não tem resto de linguagem pitoresca, folclórica ou idealizada. O narrador entra no trem aos empurrões, prensado, num vagão de bancos rasgados, todo mundo viajando em pé, apertado, dividindo a sujeira e o sufoco. Imóvel, o narrador “*só pode se movimentar do pescoço para cima*”. (10)

Daí em diante, a feiúra do progresso, o avesso dos mitos da modernização, se apresenta como a constante da paisagem, humana e geográfica. Os que partem para os cantos industriais, o ABC de um lado, Osasco do outro. O trem parando na Barra Funda. A marca do cansaço e da exploração no rosto dos operários voltando para casa. São homens, mulheres, crianças. Por contraste completo com a cidade-mercadoria, a região dos Jardins,

---

10. Ibidem, 123

o consumo ostensivo, a pretensão da cidade novo-rica que esqueceu seu passado caipira. Os folhetos, as brochuras, o papel luminoso do fetiche da mercadoria. Junto com o cansaço, vai a raiva, reprimida, mas presente. Que de vez em quando explode e os trens são depredados sem mais delongas. É nessa exata altura que o narrador assume a primeira pessoa do plural, o da sua classe de origem, o seu lugar na geografia social e urbana de São Paulo: *“Aqui nos trens vamos mergulhados de cabeça, tronco e corpo numa vida sem retoque ou frivolidade. Mas o lado de dentro da gente ferve. Aí, então, se nos entalam, vem uma depredação, e os sabidos nos lacram, somos chamados de nomes. Vândalos...”* (12)

Claro, o de sempre. Os vândalos. Os bárbaros na fronteira da cidade. As classes perigosas como uma ameaça constante para a ordem da dominação. De vez em quando, uma revolta espontânea, sem direção. Mas o temor, claro, é de que essa revolta possa se tornar mais forte e organizada, com alvo definido e metas claras. Desde 1848, em Paris, é esse o medo. Que a Revolução destruía a ordem burguesa que sustenta a violência da exploração. Mas isso longe, em outro horizonte. Indo para o subúrbio, querendo voltar para casa, o narrador de *Abraçado ao meu rancor* vai colado à dureza do cotidiano, e lembra como penou, na infância, nesses mesmos trens, encardidos e apinhados. Assim: *“Trem é escuro, sujo, fede. Não posso, aqui apertado entre fartum, suores, bodum, passar sem irritação e uma coisa me faz olhar esses homens, mulheres, meninos, meninas de cabeça baixa. Fora daqui, por mais que me besuntem de importâncias, fique conhecido ou tenha ares coloridos, um quê me bate e rebate. Foi desta fuligem que saí. E é minha gente.”* (13<sup>6</sup>)

Fazendo o impossível caminho de volta- do Rio para São Paulo, do centro para a periferia, da classe média metida a besta para os trabalhadores pobres e seu cotidiano- o narrador deixa de lado qualquer traço de idealização e olha, de frente, a fuligem de onde saiu, e sua gente, sem nenhum charme ou glamour, apenas *feia, caquerada, acaipirada*. Cansado, com frio, o narrador se esforça, na marra, para sair do trem e descer na estação de Presidente Altino. Da Sorocabana, trinta anos depois da infância do narrador, ainda a

---

11 Ibidem, p.123

12 Ibidem, p.123

*Sorocabana dos pobres, viradores, biscateiros e operários nos mesmos trilhos. Só mais gente esfalfada.*

Já é noite, faz muito frio, não há mais prédios no horizonte, só ruas esburacadas e água poluída: “ *Não mais prédios, a vista vai se acostumando. Olho as casas baixas, descascadas no sombreado das ruas que a iluminação expõe mal e mal; cães e algum gato vagabundeiam pelos cantos. Sujeitos tristes nas portas, raros nas calçadas. Ou se discute futebol, ou se entorna nos botequins. Frio.*” (13) Sem ênfase, numa prosa enxuta e limpa, o narrador apresenta ao leitor o horizonte limitado da vida dos pobres da periferia de São Paulo. Sem dúvida é o resultado social e histórico de um longo processo, que veio do país escravista e atravessou toda a formação da moderna sociedade urbana de classes no Brasil, à frente São Paulo, a que não podia parar, orgulho do nosso capitalismo caipira.

<sup>7</sup> Sem ênfase, portanto passando ao largo de tipos populares malandros, cheios de gíngua e malícia, de mulheres sensuais rebolando os quadris, de moleques espertos fazendo graça, de casas pobres transformadas em “soluções arquitetônicas originais”, como uma espécie de kitsch-criativo dos pobres. Essas coisas, essas variações ilusórias que se lê, volta e meia. E também se há de notar que, chegando à periferia, o conto não põe em cena mais um faroeste na favela, mais um tiroteio em céu aberto, mais um massacre que no dia seguinte ocupará as manchetes dos jornais e repetirá suas imagens na televisão, no processo saturado de estetizar e vender a violência, mercadoria entre mercadorias, apenas uma mercadoria entre outras tantas mercadorias. Aqui, vale a pena reiterar o contraste, marcado, em relação a toda a literatura brasileira das últimas décadas- que tem como começo e referência Rubem Fonseca, tantas vezes focando a seco a violência urbana, outras tantas colando por demais na mesma exposição da violência, às vezes sugerindo quase que uma certa sedução pela barbárie- e a literatura de João Antônio em contos como esse *Abraçado ao meu rancor*, e não apenas nesse exemplo, com um modo diferente de narrar o cotidiano das nossas metrópoles modernizadas e as vidas pobres e precárias dos trabalhadores que nelas lutam para sobreviver. Como podem, sempre nas beiradas, sempre pingentes, podendo facilmente ser jogados fora, descartáveis que são. Mais ainda hoje em dia, com o capitalismo mundializado, com o mundo do trabalho todo mudado, com todas as formas precárias de trabalho, com toda a instabilidade e a certeza, tornando ainda mais fácil o

---

13 Ibidem, p.123



descarte dos que podem ser, e são mesmo, apenas jogados fora. Pelo ângulo de cima, o dos vitoriosos e dos opressores, vivemos agora um admirável mundo novo, em que o medo, a insegurança, a instabilidade, a guerra de todos contra todos, compõem uma realidade saudável, que estimula o sujeito a ser criativo e ativo.

A cena final de *Abraçado ao meu rancor* se passa no Morro da Geada, no encontro do narrador com sua mãe. É uma cena delicada e sutil, de poucas palavras, feita mais de negaceios, de uma aproximação discreta entre mãe e filho. Este, sabendo que não está de volta, que não veio para ficar, que não voltaria a viver naquele mundo pobre e frio. A mãe, sem acreditar, perguntando se o filho veio para ficar. É o fecho do conto. O narrador tenta evitar a resposta, engole um café, vai até a janela, como se ouvisse os grilos: “*Faço tenção de me explicar, que cheguei tarde da noite. Mas ela é minha mãe: - A sua arte não permite dois amores*”. (14) Na outra ponta da biografia de João Antônio, mas não no texto de *Abraçado ao meu rancor*, o escritor paulista morreria, sozinho, num apartamento em Copacabana. Justiça seja feita, contos como esse que acabo de analisar são boa literatura, de jeito nenhum feitos apenas de sentimentos aflorados e ressentimentos mal resolvidos, de percepção grosseira do cotidiano, de pouca elaboração formal, que prejudicaria a literatura de João Antônio, o mesmo problema que teria prejudicado a literatura de Lima Barreto. Seria um outro assunto, que não cabe aqui. Seguindo um pouco Antonio Candido, terminada a leitura de *Abraçado ao meu rancor* fica no leitor uma viva impressão de realidade, dando existência e dignidade a essas vidas pobres e postas à margem. Acrescento eu que modulada por um lirismo melancólico que é sim marca de uma derrota frente à modernização conservadora do capitalismo- no Rio, em São Paulo, no Brasil.

8

---

14 Ibidem, p. 124

## Referências bibliográficas

1. ANTÔNIO, João. **Abraçado ao meu rancor**. SP, Cosac&Naif, 2001
2. LAFETÁ, João Luiz. *João Antônio e sua estética do rancor*. In **Dimensão da noite**, SP, Duas Cidades/ 34 Letras, Coleção Espírito Crítico, p. 515, 2003

---